



4829 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT13 - Educação Fundamental

MEMÓRIA, CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA DA FAVELA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS
 Marta Cardoso Guedes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

MEMÓRIA, CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA DA FAVELA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o que pode um projeto de cinema na escola da favela quando pesquisa a memória da favela. Nosso estudo parte do princípio de que a articulação entre cinema, escola e memória é potente enquanto assunto a ser colocado sobre a mesa/na tela para matéria de estudo, além de ser de fundamental relevância na construção de uma memória coletiva, e no direito ao exercício desta memória por todos os estudantes da escola e para além dela (BENJAMIN, 2009). Tendo em mente que cartografar é acompanhar processos, buscamos narrar a constituição de nosso campo de pesquisa que se dá no próprio fazer do projeto de cinema da escola enquanto investiga a história da favela, analisando a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação da realidade (KASTRUP, PASSOS & ESCÓSSIA, 2015).

Palavras-chave: Memória, Cinema, Educação, Favela, Resistência

Introdução

Nosso estudo é proveniente de uma parceria entre a UFRJ e a Prefeitura do Rio de Janeiro. Um projeto de extensão de cinema na escola onde professores e estudantes compartilham do gesto de criação cinematográfica (BERGALA 2008). O presente artigo narra a trajetória de construção de nosso campo de pesquisa constituído a partir da aposta do cinema na escola com a memória da favela, e as primeiras análises de uma Tese de Doutorado em andamento.

Em 2015 produzimos o documentário escolar *Paraíso Tropical Vidigal*^[1]. O filme registra os bastidores de uma busca pela história do morro, da escola à favela, sendo um encontro entre moradores, estudantes, professores e colaboradores. A partir deste documentário nossa história com o projeto de cinema da escola vem se configurando como uma história de encontros. Toda uma rede vêm sendo tecida, constituindo um vastíssimo campo de pesquisa, um espaço produtor de sentidos que envolve múltiplas subjetividades. Na primeira sessão do artigo narramos a constituição desta rede.

Na segunda sessão apresentamos o encontro com os arquivos da década de 1970. Um vasto material que inclui filmes super-8, fotografias, entrevistas gravadas em fita cassete e documentos sobre a tentativa de remoção da favela do Vidigal para o subúrbio de Antares no Rio de Janeiro. Arquivo este todo recuperado e restaurado pelo projeto de cinema da escola e agora fazendo parte do acervo da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM), sob o Lote da Associação dos Moradores do Vidigal. Nesta sessão também desenvolvemos análises preliminares, a partir do evento *Vidigal: imagens, memória e resistência*, produzido pelo projeto de cinema da escola, na sala de Cinema do MAM, com a finalidade da exibição de todo o material recuperado para os personagens desta história de luta e resistência, assim como também para os estudantes da escola e para os integrantes do grupo de pesquisa.

Desta forma estamos traçando nosso percurso investigativo por meio da pesquisa cartográfica. Nossa metodologia vem se construindo com base "no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios" (BARROS & KASTRUP, 2015, p.77). Uma aposta na experimentação do pensamento. Ao propor uma pesquisa intervenção, e uma inversão metodológica isto é: transformar o *metá-hódos* em *hodos=metá*; a cartografia corrobora com o nosso fazer pesquisa, que já vem se desenvolvendo empiricamente desde 2015, quando decidimos apostar na pesquisa da história da favela em nosso projeto de cinema na escola. "Um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude" (KASTRUP et al, 2015, p.10-11).

Temos por objetivo geral a investigação do que pode um projeto de cinema na escola da favela quando pesquisa a memória desta Favela. Assim na terceira sessão, em interlocução com a Teoria da História como Memória, de Walter Benjamin (2009), e em consonância com a pesquisa cartográfica que consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos (BARROS & KASTRUP, 2015), desenvolvemos algumas análises do nosso estudo.

Uma história de encontros: cinema, escola e memória da favela

A partir da construção do documentário escolar *Paraíso Tropical Vidigal*, em 2015, nossa história com o projeto de cinema na escola vem se constituindo como uma história de encontros. Nosso filme é fruto do envolvimento de toda a equipe escolar em torno do projeto de cinema, com a proposta em pesquisar a história da favela do Vidigal, como tema para o projeto pedagógico daquele ano. O filme narra, entre outras histórias da favela, a luta dos moradores pela não remoção de parte da favela para o subúrbio de Antares, na cidade do Rio de Janeiro, em meados da década de 1970, sendo um encontro entre estudantes, professores, moradores e colaboradores.

Em dezembro de 2016 quando apresentávamos fragmentos de nosso documentário na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, fomos surpreendidos com o testemunho de uma cineasta amadora que estava na plateia do evento e nos contou que em 1977, quando era uma jovem arquiteta, subiu a favela do Vidigal por conta do processo de remoção da mesma e se uniu à luta dos moradores/ativistas. Como tinha uma câmera super-8 do recém fundado CINEDUC^[2], grupo do qual fazia (faz) parte, decidiu filmar o movimento de insurgência destes moradores contra a ordem de remoção deles para o subúrbio de Antares. Sua função no movimento, estabelecida coletivamente, passou a ser então a de registrar a luta pela não desterritorialização dos moradores.

As imagens feitas por esta cineasta amadora ficaram na sede da Associação dos Moradores da Vila do Vidigal, mas infelizmente, o tráfico, ao definitivamente tomar conta do território da favela em meados dos anos 1980/90 incendiou a memória documental que existia na Sede da Associação. Foi o projeto de cinema da escola, que com as exibições de seu documentário, recolocou a cineasta em contato com os antigos moradores/ativistas, e com este (re) encontro a surpresa com a cópia do material que havia se perdido no incêndio.

Em agosto de 2017 o projeto de cinema da escola realiza o evento intitulado *40 anos de resistência do Vidigal*, com o objetivo de promover o (re) encontro destes antigos moradores/ativistas. Estiveram presentes na escola os antigos presidentes da associação de moradores; os atuais presidentes; secretárias da *Pastoral de Favelas* da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro; médicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro que fundaram o primeiro posto de saúde da favela; a cineasta amadora que fez as imagens da época; o fundador do grupo de teatro *Nós do Morro*; entre outros moradores/ativistas. Nesta ocasião, a cineasta de outrora anuncia para todos os presentes que havia feito a cópia de todo o

material filmico que se perdera, e que o mesmo se encontrava guardado por quase 40 anos em uma caixinha de isopor, em cima do armário da sua casa.

Vale frisar que a produção superoitista fez parte da luta pela redemocratização do país, pois muitos dos cineastas amadores estavam ao lado daqueles que lutaram contra a ditadura militar de então. Ficamos todos muito apreensivos quanto ao estado deste arquivo, pois muitas dessas imagens feitas em super-8 podiam estar danificadas pela ação do tempo devido às condições de armazenamento. “Submetidas à umidade e ao mofo dos armários, por exemplo, as imagens impressas nesses filmes ganharam manchas e outras cicatrizes do tempo, sem que seus guardiões pudessem perceber” (BOSI, 2016, p. 67). Vale destacar ainda que o advento do vídeo na década de 80 tornou ultrapassado o modelo super-8, transformando os modos de produção e exibição dos filmes amadores. Bosi (2015) relata que “especificamente no tocante a essas películas super-8, é importante destacar que muitos dos filmes se tornaram inacessíveis devido ao avanço tecnológico, que transformou os projetores desse formato em artigo obsoleto, de difícil manutenção” (p. 566).

No evento elaborado e produzido pelo projeto de cinema, toda a escola se mobilizou com diversas atividades para receber nossos convidados. Fizemos exposição de fotos antigas em uma instalação de pipas, esquete teatral narrando à origem do nome Vidigal, apresentação de coral e poesia, e então realizamos uma “roda” de conversas e entrevistas com os antigos moradores/ativistas. Os alunos do projeto de cinema filmaram e fotografaram todo o evento tendo em mente a importância dos arquivos de memória. Nesse sentido vale destacar a fala de uma de nossas estudantes do terceiro ano do ensino fundamental, que após o evento realizado na escola, nos conta que encontrou com o Sr. Armando [3], que ele mora na mesma rua que ela, que ela sempre o via, mas que não sabia que tinha sido graças a ele que o Vidigal ainda existia. Consonante com Benjamin (2009) não há luta pelo futuro sem memória do passado. “A única coisa que eu posso dizer é obrigada por não desistirem de nós, senão eu nem ninguém estaria aqui!” (Juliana, 10 anos). “Eu amei conhecer as pessoas que lutaram pelo Vidigal!” (Gabriela, 10 anos). São crianças e jovens, que a partir de um evento realizado na escola, advindo do projeto de cinema, estão exercendo seu direito à memória.

Algumas falas dos moradores/ativistas e colaboradores na luta pela não remoção do Vidigal ficaram registradas em vídeo e no livro de memórias do projeto de cinema. “Muito bom participar de um evento como este que valoriza as nossas lutas pelo direito de moradia! Vidigal: 40 anos de Resistência!!! Obrigada por tudo!” (Paulinho, morador/ativista na favela). “Quantas emoções! O Vidigal, seu povo, sua gente marcam nossas memórias para sempre. Estar hoje aqui é uma imensa alegria, uma felicidade rever todos os amigos, e encontrar essas crianças falando da história desta comunidade. Mostra que temos que ter esperança sempre!” (Filomena, ex-moradora). “Com profunda emoção de estar neste momento nesta escola que tanto faz pelo futuro destes jovens, com lágrimas nos olhos quero deixar com vocês o retrato de D. Eugênio que tanto fez para que o Vidigal se transformasse, entre todas as comunidades, no simples do direito de morar!” (Maria Cristina Sá, 84 anos, secretária da Pastoral de Favelas). Com estas palavras colou a foto de D. Eugênio Salles no livro de recordações. “Momentos inesquecíveis do passado e do presente: a vida continua... Não desistir...” (Mário Sérgio, ex-presidente da Associação dos Moradores). “Hoje voltei a sonhar... O homem sem sonhos é como um pássaro de asa quebrada” (Gutti Fraga, fundador do grupo de teatro *Nós do Morro*). Estas falas nos incentivam a realizar um filme pensando na construção de uma memória coletiva.

Filmagens de nosso documentário escolar *Paraíso Tropical Vidigal* (2015)



Já tínhamos em mente fazer um novo documentário, pois na montagem documental cinematográfica a amplitude de consecução desta memória se alarga a partir do alcance que as imagens em movimento carregam consigo. O que será que pode advir dessas imagens em termos de construção de memória coletiva então? E em termos de luta e emancipação de nossos alunos? De acordo com Rancière (2002) o que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas sim a crença na inferioridade de sua inteligência. “Um camponês, um artista (pai de família) se emancipará intelectualmente se refletir sobre o que é e o que faz na ordem social” (p. 48). Na ordem intelectual, podemos tudo o que pode um homem, pois tudo está em tudo. Essa tomada de consciência da potência que está presente em toda manifestação humana, dessa igualdade de natureza é o que ele chama de emancipação. Qual a potência de uma montagem dessa história de luta e resistência como ficção de memória, para compreensão na escola, do que se é, e do que se faz na ordem social? Do que pode uma inteligência quando se considera como igual a qualquer outra e qualquer outra como igual a sua?

Cinematoteca do MAM: encontro com os arquivos

Em Dezembro de 2017 abrimos na Cinematoteca do MAM a caixa de isopor da cineasta amadora guardada por 40 anos. Esse primeiro contato com o material, presenciado por estudantes, professores, moradores/ativistas, e colaboradores foi de intensa emoção. O odor característico de filmes avinagrados nos alertava para o fato de que talvez o material estivesse todo perdido. Não sabíamos naquele momento o que poderia ser

salvo, limpo, restaurado e assim preservado. O que poderia estar à nossa disposição para construção coletiva de uma memória da favela... Neste mesmo dia o material, doado pela cineasta, passou a fazer parte do acervo da Cinemateca do MAM, sob o Lote da Associação dos Moradores do Vidigal.

Em Março de 2018 o projeto de cinema da escola começa o processo de recuperação/restauração deste material na Cinemateca, sob a tutela de Hernani Heffner⁴¹, e seus colaboradores. Um verdadeiro legado audiovisual do Rio de Janeiro dos anos 1970 começava ali a se descortinar para nós. “A chegada em um arquivo público, os cuidados de uma preservação adequada e o possível retorno em pesquisas e em trabalhos artísticos parece ser um destino reservado para poucas imagens desse cunho no Brasil” (BLANK, 2015, p.22). O Projeto de Cinema da nossa escola foi responsável, pela limpeza, digitalização, e telecinagem deste material, que inclui, além dos filmes super-8, negativos de fotos e fitas cassete com entrevistas da época.

Foi o próprio Hernani, quem separou o que era passível de salvação e o que já estava condenado, e então preenchemos os meses de março e abril de 2018 com sessões de limpeza das películas, no MAM. Foram algumas semanas limpando e preenchendo fichas de entrada dos filmes na Cinemateca, tudo para a telecinagem e digitalização do material. A medida que as imagens iam aparecendo, um outro mundo ia se abrindo para nós. O que sentíamos diante daqueles vestígios de memória era uma emoção sem tamanho! “O arquivo é excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional” (FARGE, 2017, p. 36). Faltam-nos palavras que possam expressar o que era estar diante de documentos que registraram a sobrevivência de um território, de um grupo de pessoas, que mobilizadas, lutaram contra o Estado e o poder do capital, em época de grande repressão imposta pela ditadura militar. Sombrios tempos de tortura, morte e exílio. “Uma época em que uma roda de três ou quatro pessoas na praça já significava um grupo de ‘comunistas’ ou ‘terroristas’ tramando alguma coisa. Andar em grupo era perigoso”, como bem disse um dos moradores/ativistas aos nossos alunos, no evento *40 anos de Resistência do Vidigal*, realizado na escola.

Com todo o material recuperado, em 13 de agosto de 2018 promovemos o evento *Vidigal: imagens, memória e resistência* nesta mesma Cinemateca, que tornava-se para nós um lugar mágico, dado a natureza dos encontros que ali vivenciávamos. O encontro com a cineasta; o encontro com os arquivos em sua caixinha de isopor; os deliciosos meses de limpeza e recuperação do material naquele ambiente totalmente novo para nós; e agora de volta a sala de cinema para exibição do material restaurado para os personagens desta história!

Na ocasião reunimos na sala de cinema do MAM muitos dos envolvidos na luta de então: antigos moradores/ativistas; colaboradores na luta pela não remoção nos idos de 1977; atuais moradores da favela; estudantes do projeto de cinema; professores da escola; e integrantes do grupo de pesquisa. O (re) encontro com as imagens de arquivo, com os companheiros de luta e com os jovens estudantes foi deveras emocionante. Os comentários durante a projeção revelavam a emoção nas falas. A voz, por vezes embargada, lembrava momentos de luta, vitória, e também de dor da perda de alguns que já não estavam mais entre eles. A todo momento escutávamos soluços, risadas, cochichos, perguntas de reconhecimento, e testemunhos advindos das imagens. Ao final muitas conversas, “causos” narrados, abraços apertados, troca de telefones, pois muitos haviam perdido contato entre si.

No evento, colocamos na porta da Cinemateca uma urna para que o público pudesse compartilhar opiniões, sugestões, recordações... Destaco aqui algumas das mensagens ali depositadas. “Estou saindo daqui muito emocionada em ver minha história em imagens restauradas” (moradora do Vidigal e criança na época da tentativa de remoção). “Nossa como o registro das imagens ajuda a transformar a narrativa de um local, principalmente empoderando os moradores!” (morador da baixada fluminense e neto de um ex-presidente da Associação dos Moradores). “Foi muito bom poder reviver tanta coisa que participei, e que já não me recordava...” (morador do Vidigal). “Uma história que marcou a vida de muitas pessoas” (professor). “O evento foi renovado e legal, e nem todos tem sorte como nós” (estudante do projeto de cinema). Mais uma vez, estes registros nos ajudam a refletir sobre a construção de uma memória coletiva que possa se materializar na forma de um documentário que tenha efeito de permanente educação.

Evento *VIDIGAL: imagens, memória e resistência* (2018) na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Tivemos algumas surpresas no evento, como a presença de um dos advogados da *Pastoral de Favelas* que causou muita emoção entre os moradores ativistas que não o viam fazia 40 anos. Na época da tentativa de remoção, foi ele quem deu a dica para os moradores de que o decreto a ser assinado pelo Governo do Estado não podia conter o termo “utilidade pública”, mas sim “fins sociais”! Este Decreto só foi assinado, com muito custo e empenho dos moradores/ativistas, em 1980 na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, por conta da vinda do Papa João Paulo II ao Rio de Janeiro e sua visita a Favela do Vidigal. Posteriormente, quando do processo de redemocratização do Brasil, ele foi eleito Deputado Estadual e Secretário de Segurança do Estado. Também tivemos a surpresa, ao término da sessão, com a notícia que nos deu Maria Cristina Sá, secretária da *Pastoral de Favelas*: “olha, eu tenho a Liminar que impediu a remoção, também tenho os bilhetes que eram colocados nas

portas dos moradores pela Fundação Leão XIII!”. No dia seguinte estávamos na Arquidiocese do Rio de Janeiro recebendo todos esses documentos, além de dois vídeos, gentilmente nos cedidos por ela.

Quanto às crianças e aos jovens do projeto de cinema, percebíamos a todo momento o interesse e a escuta atenta para as narrativas dos mais velhos, além de estarem envolvidos nas filmagens e fotografias. Presenciávamos um potente encontro geracional permeado pelas imagens de arquivo na tela do cinema (documentos do passado), e os testemunhos vivos dos que lutaram pelo Vidigal, construindo no presente uma memória histórica e pessoal. “Não dormi a noite toda só pensando no MAM!” (Raí, 12 anos). “Eu sonhei com aquelas imagens antigas, só que no meu sonho eu estava dentro das imagens!” (Maria Clara, 10 anos). “Tia, contei tudo pra minha mãe! Quando vamos voltar ao MAM?” (Alice, 8 anos). “Minha rua é a rua Dr. Bento Rubião, agora sei quem é.” (Brenda, 11 anos). “Tia tem na internet? Quero mostrar pra minha família!” (Pedro Henrick, 10 anos). Essas foram algumas das frases ditas pelos jovens na escola, no dia seguinte ao evento. Muitos dos nossos estudantes nunca foram ao cinema ou a um museu. O que será que significava para eles verem essa história de luta e resistência dos favelados na “telona” do cinema? Na “telona” do cinema de um museu? Se verem representados pelos moradores/ativistas desta luta vitoriosa pela manutenção de suas moradias na “telona” do cinema de um museu teve (tem) algum impacto em suas vidas?

Bem, foi a partir desta experiência na “telona” do cinema de um museu que tornou-se imperativo, para além da escrita de nossa tese de doutorado, a realização de um documentário, pois as imagens e documentos do passado ajudam na elaboração de uma memória histórica e pessoal. Por vezes pensei que o trabalho já poderia estar pronto, uma vez que as imagens haviam sido recuperadas, mas as falas dos jovens estudantes que testemunharam este encontro no MAM, provaram-me que eles haviam sido afetados. Tornou-se para mim, professora/pesquisadora, fundamental colocar este encontro com os arquivos e essa narrativa construtora de memória em forma de um novo filme.

Um método científico se distingue pelo fato de, ao encontrar novos objetos, desenvolver novos métodos – exatamente como a forma na arte que, ao conduzir a novos conteúdos, desenvolve novas formas. Apenas exteriormente uma obra de arte tem uma e somente uma forma, e um tratado científico tem um e somente um método (BENJAMIN, 2009, p. 515).

Assim é que pretendemos, durante as filmagens do novo documentário, confrontar os entrevistados, testemunhas dos acontecimentos, com o material de arquivo encontrado, rodado em 1977, 1978. Uma montagem documental cinematográfica que possa alcançar, não só aos outros estudantes da escola para além do projeto de cinema, assim como também aos novos estudantes que ingressam todos os anos na escola da favela do Vidigal. Este material precisa ser utilizado na elaboração de uma memória coletiva, e na educação permanente de nossos jovens estudantes.

Teoria da História como Memória: algumas análises

Para fins deste artigo, destacamos o testemunho de João^[5], antigo morador da favela. Sua narrativa no evento *40 anos de Resistência do Vidigal*, realizado na escola em agosto de 2017, evoca a compreensão da importância da rememoração do passado como possibilidade de desvio no curso linear da história oficial, que é sempre a história do vencedor. Especialmente se considerarmos que na ótica de Benjamin (2009), o historiador pode ser um ativista que busca romper com a história escrita sobre o ponto de vista do vencedor, pois a memória coletiva de personagens no campo do conflito social, pela sua natureza e sua mensagem tem uma dimensão subversiva, pois não é instrumentalizada a serviço de qualquer poder. (LOWY, 2005).

Evento *40 anos de Resistência do Vidigal* (2017) na escola



Vamos então ao teor da fala de João, micronarrativa, que ancorada no vivido, possibilita a atualização do passado. Microhistória que nos aponta pistas, reminiscências, pontos de vista particulares, vivências pessoais que constroem nossa narrativa de memória própria de uma história que almeja atentar para a experiência dos indivíduos captada nas relações que eles mantêm com outros indivíduos e com o meio social (REVEL, 2010). Memórias da classe trabalhadora, que oprimida pelo capital, lutou e luta constantemente para manter seu território de moradia em tempos de gentrificação^[6], de “remoção branca” das favelas. Testemunho capturado pelas lentes do projeto de cinema, no evento *40 anos de Resistência do Vidigal*, em 29 de agosto de 2017, na escola, e transcrito integralmente.

Do outro lado já não é comunidade. Nós somos da favela. Hoje não é mais favela, chama comunidade. Graças a Deus não tem mais esse preconceito, mas antigamente o pessoal dizia assim: "Eu sou, como é que é? Sou da associação dos 'proprietários' do Vidigal!" E hoje eles se orgulham de ser do Vidigal, porque nosso lado progrediu, nós trabalhamos muito, a gente não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, não tinha nada. Eles falaram aqui de tudo, mas esqueceram de falar que a gente nem recebia correspondência porque não tinha endereço, ninguém tinha endereço. A gente recebia correspondência nos comércios. Quem tinha um relógio de luz não queria papo com ninguém, porque quando a gente ia falar com ele. Ele dizia: "Já tá completo, eu não posso te fornecer luz, não posso, não posso". Quando chegava às seis horas da noite que começava a acender a luz, daqui a pouco apagava tudo porque só existiam uns dois ou três relógios de luz aqui, que era do seu Joaquim da cuica, é isso Joaquim da cuica, do bagulheiro e poucas pessoas tinham, e tudo isso que vocês encontram hoje aí, todo mundo aí quer ser dono do Vidigal, quer dizer que: "no Vidigal quem manda sou eu". Isso aí nós carregamos no ombro! Aqui a gente não tinha um sábado de descanso, não tinha domingo de descanso, sábado e domingo a gente se reunia para fazer mutirão para fazer não tinha um barraco, para quem não tinha nada disso. Trabalhava muito, todo mundo se ajudava. Hoje é diferente! Nós aqui, quantas vezes nós aqui, não só eu, mas como todos trabalhava sábado, até eu me lembro que eu chegava em casa cheio de concreto, todo sujo e dizia: "vou me encostar aqui na cama para depois tomar um banho". Eu acordava no dia seguinte, do jeito que eu tinha deixado porque eu não acordava... Hoje em dia, o que eu lamento muito é que nós não temos liberdade, nós não podemos, na nossa casa, na nossa própria casa, nós não temos liberdade, todo mundo quer mandar, e pessoas que nunca fizeram nada pelo Vidigal, e nunca vão fazer, e hoje chegam aqui com tudo pronto e diz assim: "tem que falar com o chefe" e esse 'chefe' encontrou tudo pronto, e as vítimas então somos todos nós aqui. É isso que eu quero falar para vocês e vocês escutem bem isso aí porque é importante para nós! Obrigado (JOÃO).

Consonante com Benjamin (1987), a perda da narração e, por conseguinte, da experiência teria como consequência a supressão da memória do indivíduo e a perda do sentido da história. Nas sociedades modernas, com destaque ao avanço do capitalismo, o tempo entrecortado e a divisão do trabalho promovem o individualismo não permitindo a escuta e o caminho natural seguido pelas histórias narradas. Quanto a isso, vale recordar que há algum tempo era costume as famílias sentarem-se ao redor da mesa para as refeições e ali ficarem contando e ouvindo histórias; muitas vezes por muitas horas. Hábito esse que foi definindo, pelo estatuto de centralidade assumido pelo trabalho na produção da vida material, provocando o empobrecimento da experiência da narrativa. Diferentemente da mera informação que só tem valor no momento em que é nova, a narrativa conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desenvolver-se, pois sua arte de acordo com Benjamin (1987) estaria em evitar explicações, o extraordinário e o miraculoso seriam narrados com exatidão, mas o contexto psicológico da ação não seria imposto ao leitor/ouvinte.

Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (p. 205).

O Narrador tem como sua matéria a vida humana e estabelece com ela uma relação artesanal. Ter algo a dizer, o principal traço da humanidade, é muito mais do que repetir meras palavras e fatos. João, ao pedir em sua narrativa, que os alunos prestem bem atenção a importância do conhecimento de que coletivamente lutaram muito para o Vidigal ser o que é hoje, e que agora todo mundo 'que nunca fez nada pelo Vidigal' quer mandar, quer ser o 'chefe', está sendo esse 'Narrador' que sabe, por isso, dar *conselhos* (no sentido de conselho verdadeiro - *Rat*) como um sábio, podendo basear-se na *experiência (Erfahrung)* de toda uma vida, de uma vida de todos.

Estamos em consonância também com a perspectiva de que essa experiência narrada por João e compartilhada entre quem narra e quem ouve, constitui-se como possibilidade de trânsito entre presente e passado no qual a narrativa adquire um potencial de "conselho", no sentido da advertência de João para a observância de um perigo constante enfrentado pelos moradores da favela. Consonante com Benjamin (2009) a articulação histórica do passado não significa reconhecê-lo como de fato ele aconteceu, mas sim apropriar-se de uma recordação como ela relampeja no momento do perigo. O fato de terem de prestar obediência a outrem "que nunca fez nada pela favela e que agora quer mandar", aponta para o perigo eminente do território da favela estar sempre sendo disputado por várias instâncias de poder, e não só pelo "poder paralelo", como é chamado o "poder do tráfico". Esse testemunho de João aponta para uma atualização do passado. "A imagem seria, portanto, o lampejo passante que transpõe, tal um cometa, a imobilidade de todo o horizonte" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 117).

Esse tipo de testemunho, só possível na microhistória, é muitas vezes desvalorizado no meio científico por sua dimensão pessoal. Por ser da ordem da subjetividade, a linguagem oral é muitas vezes desprezada. Mas de acordo com Pollak (1989) a memória está em disputa, sendo os objetos de estudo escolhidos justamente onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes. Nesse sentido o autor destaca a história oral, ressaltando a importância de "memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional" (p. 4). Assim o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

Pollak também destaca o filme como sendo o melhor suporte no enquadramento da memória por não se dirigir apenas às capacidades cognitivas, mas, sobretudo, por captar as emoções. O filme devido a sua capacidade técnica capta as lembranças do passado na evocação dos sentidos, tais como: o barulho, o cheiro e as cores das lembranças. Citando a monumental obra de Lanzmann *Shoah*^[7] enfatiza que o filme-testemunho e o documentário tornaram-se "um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva e, através da televisão, da memória nacional" (POLLAK, 1989, p.12). Sendo assim, pelo testemunho do insustentável, é que o cinema pode impedir o esquecimento.

Retomando a narrativa-testemunho de João, desta feita, foi o próprio tráfico, que ao tomar para si o território da favela foi duplamente violento. Violento na tomada a força de um território e violento no silenciamento das vozes de luta dos moradores do Vidigal pelo apagamento de sua memória. Ao queimarem os arquivos (fílmicos e documentais) que existiam na Sede da Associação de Moradores enfraqueciam qualquer possibilidade de resistência. Mas o próprio Estado também não exerce essa violência de diferentes formas, principalmente nas favelas? Também não exerce esse poder de fazer silenciar a voz do povo? Assim sendo nos indagamos: será possível ao projeto de cinema da escola realizar um documentário como alternativa à história oficial do opressor que naturaliza um estado de obediência a um "chefe" vencedor?

É nesse sentido que o projeto de cinema da escola da favela do Vidigal tem como objetivo organizar as imagens, os materiais de que dispõe, para que possamos nos apropriar deles construindo com eles a nossa memória em uma montagem aplicada à historiografia, onde montar seja mostrar. Uma montagem cuja historiografia permita, para além do arquivo documental das imagens em super-8; a história individual, o testemunho dos militantes, a tradição oral, captada nas imagens realizadas pelos alunos do projeto de cinema. Uma montagem que constitua um arquivo de memória do Vidigal, um arquivo que produzida na/pela escola possa alimentar novas possibilidades de arquivo.

A montagem cinematográfica dos documentos da história é o lugar do corte e da colagem, do intervalo e da ligação entre os fatos. Em concordância com Leandro (2017), em um contexto de mutação epistemológica da história, "tensionado entre a emergência do descontinuo e a necessidade, também premente, de uma transmissão, que a montagem cinematográfica interfere" (p. 3). Nesse sentido a mesa de montagem dos documentos da história é:

(...) a confluência dos conhecimentos do historiador, do restaurador e do arquivista. Do historiador, o montador retém a habilidade em identificar indícios e seguir rastros, em busca de uma verdade histórica; do restaurador, ele herda o amor pelas ruínas, na esperança de resgatar um tempo passado; e do arquivista, a ambição de preservar para as gerações futuras. O arquivo é o momento de mergulho da operação de montagem na incerteza do descontinuo e do lacunar (LEANDRO, 2018, p. 15).

É assim que estamos produzindo uma montagem que se utiliza das imagens super-8 da época da tentativa de remoção do Vidigal, como mediação para novas falas. Imagens do passado como possibilidade de "lampejos" no presente que possam servir como um dispositivo de encadeamento de novas narrativas. Que coloquem em comunicação "coisas" diferentes, e ao fazê-lo, possam deixar que o espectador faça a síntese, completando o trabalho de interpretação.

Benjamin (2009) propõe um método de remodelagem da história, uma ruptura com a linearidade que passa fundamentalmente por uma revalorização da visualidade. A imagem vista como uma condensação de tempos.

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética - não de natureza temporal, mas imagética (BENJAMIN, 2009, p. 505).

Assim sendo, nosso documentário, em fase de produção, propõe um encontro dos moradores/ativistas com os arquivos fílmicos de suas lutas, com os documentos desta história visando a construção de uma memória coletiva, garantindo o direito ao exercício desta memória, e sobretudo, proporcionando o reconhecimento de si mesmos (nossos estudantes) neste processo de construção coletiva.

Considerações Gerais Provisórias

A partir da produção do documentário escolar *Paraíso Tropical Vidigal*, em 2015 e das primeiras análises sobre sua repercussão, novos encontros foram possíveis, e voos mais surpreendentes para o projeto de cinema da escola se tornaram realidade. Todo um campo de pesquisa se constituiu nos levando inclusive ao material de arquivo fílmico da década de 1970 que acabamos por aprender a restaurar. Assim é que por meio de novas pistas, estratégias e procedimentos concretos que estamos dando continuidade à pesquisa, em 2019, elegendo as imagens de arquivo encontradas e recuperadas pelo projeto de cinema da escola nesta caminhada investigativa, como dispositivo de pesquisa, construção de memória e análise. Um dispositivo que acionado pode produzir agenciamentos coletivos de enunciação.

Também vale destacar que a professora/pesquisadora vêm sendo eleita como depositária de uma memória. São estudantes, pais, moradores, servidores da escola que todos os dias trazem as mais diversas narrativas (do presente, do passado e até mesmo dos sonhos de futuro). Uma experiência que afeta cotidianamente e me desloca para além da escola.

É relevante considerar uma não hierarquização dos saberes em nossa prática no projeto de cinema na escola, uma vez que, nossa caminhada construída coletivamente por diversos atores (estudantes, pesquisadora, professores, moradores/ativistas, e colaboradores) vêm se dando numa relação horizontalizada manifesta no princípio da igualdade de inteligências (RANCIÈRE, 2002). Compartilhando um fazer cinematográfico na busca de construção de uma memória coletiva sobre a favela do Vidigal extrapolamos as fronteiras de uma lógica explicadora. Tanto o professor quanto o estudante e todos os demais parceiros desta viagem cartográfica em constante marcha, tornam a presença do cinema na escola (apoiado na memória e na imaginação), uma prática de invenção, criação e descoberta de saberes que ambos ignoram.

Vale lembrar ainda que a memória, sempre em disputa, é fundamental nas lutas, resistências e conquistas. Sem ela, não há luta possível pelo futuro! Quais são as implicações de um encontro desta natureza no âmbito escolar? Como abrir essas imagens, para além da escola, na busca pela compreensão do momento atual?

Referências

- BARROS, Regina Benevides & KASTRUP, Virgínia. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia** in *Pistas do Método da Cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1, 1987.
- _____. **Passagens**. Belo Horizonte: editora da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.
- BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink Publicações LTDA, 2008.
- BOSI, Maíra Magalhães. **A cidade de Fortaleza nos filmes de família em super-8: representação imagética e construção de memória**. 19 Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade, Sandra Jatayh Pesavento. Sessão temática sensibilidade pgs. 560.572. Porto Alegre, 9-11 de março de 2015.
- _____. **Filmes de família e construção de lugares de memória: Estudo de um material de Super-8 rodado em Fortaleza e de sua retomada em Supermemórias**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- CONSTANTINO BLANK, Thais. **Da tomada à retomada: origem e migração do cinema doméstico brasileiro**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura - PPGCOM Tecnologias da Comunicação e Estética. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.
- KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da & PASSOS, Eduardo. **Pistas do Método da Cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- LEANDRO, Anita. **Montagem e história: Uma arqueologia das imagens da repressão**. In: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_com-autoria_compos-2015-3443f24d-7f10-4aaf-857c-1441b53a7204_2837.pdf. Acessado em 02 de janeiro de 2018.
- LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio - Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.
- RANCIÈRE, Jacques. **Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado** Em: *Revista Brasileira de Educação*. v. 15. n. 45. set/dez. 2010.

[1] Já exibido em Congressos de Educação no Brasil.

[2] CINEDUC- Cinema e Educação foi criado em 1970 com a preocupação de dar às crianças e jovens a possibilidade de conhecer os elementos da linguagem cinematográfica.

[3] Armando Almeida Lima, presidente da Associação dos Moradores da Vila do Vidigal em 1977, é um dos principais nomes da resistência à remoção da favela.

[4] Curador da Cinemateca do MAM, e uma das maiores referências em conservação e preservação do Cinema Brasileiro.

[5] Nome fictício com a finalidade de preservar a identidade do morador.

[6] Processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais que residem no local. Espaços abandonados pelo poder público passam a ser vistos como potenciais para investimentos de grupos sociais com poder econômico, o que aumenta o custo de vida local, expulsando os moradores que ali residem.

[7] Em 1986, Claude Lanzmann lança o filme *Shoah*, sobre a "solução final", o extermínio dos judeus pelos nazistas. O filme é inteiramente composto de depoimentos orais (de todas as naturezas, tanto das vítimas, quanto dos algozes ou de simples testemunhas), sem o menor recurso dos documentos escritos. No sentido estrito do termo, é um filme de história oral. Foi uma opção deliberada do autor, justificada exaustivamente por ele, e em muitas oportunidades. Para ele, só a memória é capaz de dizer o indizível, de narrar a *Shoah*. In: http://www.casaruaribarbosa.gov.br/escritos/numero01/FCRB_Escritos_1_9_Philippe_Joutard.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2018.